

A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA OBESIDADE INFANTIL

Luiz Augusto Silva¹

Sandra das Graças Lima²

RESUMO

A Organização Mundial da Saúde estima que mais de 42 milhões de crianças menores de 5 anos sejam obesas ou acima do peso, dos quais quase 35 milhões vivem em países desenvolvidos, embora os países não desenvolvidos também enfrentem o problema. O Brasil é considerado um país consumista, com repercussões desfavoráveis e negativas sobre as crianças e adolescentes que no futuro serão os adultos do país, por isso é essencial prevenir e abordar o problema existente (sobrepeso e obesidade). Assim, o objetivo geral é descrever as intervenções do enfermeiro para prevenir e tratar sobrepeso e obesidade infantil. Este trabalho se tratou de pesquisa bibliográfica, descritiva, com abordagem qualitativa. A literatura pesquisada refere que o fator genético pode ser um gerador de sobrepeso e obesidade, porém mudanças de estilo de vida e os avanços tecnológicos têm favorecido a falta de atividade física e alimentação inadequada em crianças e adolescentes. Esse cenário obriga a planejar e implementar estratégias abrangentes e eficientes em todo o mundo, permitir fortalecer a cultura da saúde, bem como promover o autocuidado e, para isso, é necessário envolver todos os setores e o enfermeiro está diretamente envolvido nesse processo. Os resultados apontaram que o enfermeiro pode agir na prevenção promovendo ações de conscientização sobre hábitos saudáveis e reeducação alimentar, atuando junto à criança e famílias. Concluiu-se que a prevenção e monitoramento contínuo da criança e da família são fundamentais para evitar o aparecimento de hipertensão ou outras complicações, tanto vasculares como locomotoras, respiratória ou comportamental, em fases posteriores da vida.

Palavras-chave: Obesidade; Obesidade infantil; Prevenção; Cuidados; Enfermeiro

THE IMPORTANCE OF NURSES IN PREVENTION AND TREATMENT OF CHILD OBESITY

ABSTRACT

The World Health Organization estimates that over 42 million children under the age of 5 are obese or overweight, of which nearly 35 million live in developed countries, although undeveloped countries also face the problem. Brazil is considered a consumerist country, with unfavorable and negative repercussions on children and adolescents who will be the country's adults in the future, so it is essential to prevent and address the existing problem (overweight and obesity). Thus, the overall objective is to describe the nurse's interventions to prevent and treat overweight and childhood obesity. This work was a bibliographical, descriptive research with a qualitative approach. The researched literature states that the genetic factor may be a generator of overweight and obesity, but

¹ Graduando do curso de Enfermagem da Faculdade Estácio de Carapicuíba. Email para contato: venturettibrasil@gmail.com

² Professora do curso de Enfermagem da Faculdade Estácio de Carapicuíba. Email para contato: sandralimaenfermeira@gmail.com

lifestyle changes and technological advances have favored the lack of physical activity and inadequate diet in children and adolescents. This scenario requires the design and implementation of comprehensive and efficient strategies around the world, to strengthen the health culture, as well as to promote self-care. Therefore, all sectors need to be involved and the nurse is directly involved in this process. The results showed that nurses can act in prevention by promoting awareness actions about healthy habits and food reeducation, working with children and families. It was concluded that prevention and continuous monitoring of children and families are essential to prevent the onset of hypertension or other vascular, locomotor, respiratory or behavioral complications in later life.

Keywords: Obesity; Child obesity; Prevention; Care; Nurse

INTRODUÇÃO

A obesidade infantil é uma doença crônica e multifatorial na qual estão envolvidos fatores genéticos, metabólicos, psicossociais e ambientais, tendo estes últimos aumentado sua prevalência (CORSO; BOTELHO; ZENI, 2013). As mudanças alimentares e o sedentarismo infantil levaram ao desenvolvimento e aumento de prevalência desta doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a obesidade é considerada um problema de saúde pública, não só pelo aumento de sua incidência, mas também porque causa repercussões na idade adulta. A obesidade chegou a ser considerada a epidemia do século XXI e definida como um acúmulo anormal ou excessivo de gordura que representa um risco para a saúde (NUB, 2017).

Neste contexto, coloca-se como objetivo deste artigo descrever as intervenções do enfermeiro para prevenir e tratar o sobrepeso e a obesidade infantil.

A obesidade infantil é um fator de risco associado ao aumento das doenças cardiovasculares na fase adulta e uma diminuição na esperança de vida (ARAÚJO et al, 2012). Daí a importância de incorporar hábitos de vida saudáveis à rotina das crianças, pois isso contribui para a boa saúde que persistirá durante a vida adulta. A infância é a fase em que os hábitos alimentares serão consolidados, por isso é importante intervir em idade precoce, evitando o risco de diabetes, hipertensão, colecistite (cálculo na vesícula biliar), colelitíase (obstrução do trato biliar) e obesidade (LUGÃO; FERREIRA; AGUIAR, 2015).

A prevenção da obesidade infantil tem sido prejudicada pela diminuição da qualidade da dieta consumida, bem como pela prática insuficiente de atividade física. Existem variações na epidemiologia desta doença dependendo do estudo,

mas o que está claro é que sua prevalência aumentou nas últimas décadas (BOOG, 2014).

Diante deste quadro, questiona-se: qual é o papel do enfermeiro na prevenção e tratamento da obesidade infantil?

A prevenção da obesidade infantil pode encontrar um aliado na mídia e nas redes sociais devido à visibilidade que a prevalência desta doença alcançou nestes veículos de comunicação, facilitando o trabalho de conscientização do enfermeiro sobre o problema. Durante a gestação, no pré-natal, o enfermeiro pode conscientizar a gestante sobre os benefícios da dieta equilibrada, tanto em níveis nutricionais quanto calóricos, evitando que ela ganhe peso acima do esperado e prevenindo a obesidade do bebê. O aleitamento materno deve ser incentivado pelo enfermeiro, esclarecendo a mãe que a criança amamentada de forma adequada tem menos chance de desenvolver a obesidade.

Uma programação envolvendo mudança nos hábitos alimentares conhecidos e incentivando a atividade física diária, começando com a criança, seria uma intervenção possível ao enfermeiro e útil à sociedade, pois os hábitos e costumes adquiridos na infância serão consolidados mais tarde na vida adulta. Desta forma, podem-se diminuir as repercussões no gasto público com a saúde.

A OMS define a obesidade como o acúmulo excessivo de tecido adiposo e recomenda diagnosticá-la usando o Índice de Massa Corporal (IMC) comparando-o com os padrões de referência segundo a idade e sexo. A Organização Mundial da Saúde identifica obesidade com percentil acima de 95 e sobrepeso acima de 85 (NUB, 2017).

Outro estudo define a obesidade infantil como o excesso de adiposidade corporal devido ao desequilíbrio causado pela alta ingestão de energia sobreposta ao baixo consumo (CORGOZINHO; RIBEIRO, 2013).

A obesidade infantil é uma doença crônica séria e difícil de tratar, por isso a prevenção e a conscientização da sociedade, bem como seu tratamento é um desafio para a área da saúde e para a atuação do enfermeiro (MARCHI-ALVES; YAGUI; RODRIGUES et al, 2012). Uma boa nutrição ajuda a reduzir a incidência de

doenças agudas e crônicas e a alcançar um bom desenvolvimento físico e mental (LIMA et al, 2011).

Entre os fatores da obesidade infantil consta o menor nível de escolaridade da mãe que está associado ao maior consumo de doces, gorduras, enlatados e embutidos que favorecem a obesidade (SANTOS et al, 2014). Observou-se também que crianças com baixo peso para a idade gestacional e aumento do IMC após 2 anos tiveram mais risco de ser obesas (RECH; HALPERN; MATTOS, 2017). A menarca precoce também está associada ao aumento do risco de obesidade, assim como a ausência de amamentação (LIMA et al, 2011).

Por outro lado, está se tornando mais fácil e seguro manter as crianças em casa assistindo televisão ou jogando, o que leva à atividade física deficiente e, portanto, ao aumento do estilo de vida sedentário (BOOG, 2014).

A Organização Mundial da Saúde estima que mais de 42 milhões de crianças menores de 5 anos sejam obesas ou acima do peso, dos quais quase 35 milhões vivem em países desenvolvidos, embora os países não desenvolvidos também enfrentem o problema (NUB, 2017).

Em crianças escolares, a prevalência combinada de sobrepeso e obesidade chegou a uma média de 26% para ambos os sexos, o que representa mais de 4,1 milhões de crianças em idade escolar coexistindo com esse problema (ARAÚJO et al, 2012).

Em relação à obesidade infantil, em termos mundiais, 26,6% dos meninos sofrem de obesidade e 20,8% de sobrepeso. Nas meninas, a porcentagem com obesidade é de 20,2% e de 19,7% acima do peso. Dentro da população adolescente, um em cada três jovens entre 12 e 19 anos estão acima do peso ou obesos. A estimativa de mortalidade anual, no mundo, foi de 4 milhões de pessoas, como resultado do excesso de peso e/ou obesidade e suas complicações (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2017).

O Brasil é considerado um país consumista, com repercussões desfavoráveis e negativas sobre as crianças e adolescentes que no futuro serão os adultos do país, por isso é essencial prevenir e abordar o problema existente (sobrepeso e obesidade).

O fator genético pode ser um gerador de sobrepeso e obesidade, porém mudanças de estilo de vida e os avanços tecnológicos têm favorecido a falta de atividade física e alimentação inadequada em crianças e adolescentes. Nessa faixa etária, o padrão alimentar hoje é caracterizado pelo baixo consumo de vegetais e frutas e um alto consumo de açúcares refinados e gorduras saturadas (BOOG, 2014).

Esses problemas são uma razão para maior cuidado na atenção primária de saúde, onde a prevenção e o monitoramento contínuo da criança, adolescente e sua família é fundamental; apesar das dificuldades em prevenir excesso de peso e obesidade é necessário insistir nisso, devido às consequências negativas (física e psicológica) desta doença crônica (MARCHI-ALVES; YAGUI; RODRIGUES et al, 2012).

Esse cenário obriga a planejar e implementar estratégias abrangentes e eficientes em todo o mundo, permitir fortalecer a cultura da saúde, bem como promover o autocuidado e, para isso, é necessário envolver todos os setores, já que o ônus das doenças crônicas tem efeitos adversos na qualidade de vida dos afetados nas esferas pessoal, profissional, familiar, social e econômica, envolvendo, portanto, toda a sociedade (RECH; HALPERN; MATTOS, 2017)

O sobrepeso e a obesidade causam 2,8 milhões de mortes no mundo (OMS, 2010) e é possível que as crianças tenham uma expectativa de vida menor que a de seus pais. Para a sociedade, é uma despesa enorme, tanto para os gastos em saúde como para o desempenho individual reduzido que isso implica (CORSO; BOTELHO; ZENI, 2013). Se a sociedade se tornar consciente de “hábitos saudáveis em relação à nutrição, aproximadamente 80% da prevalência de obesidade poderia ser evitado, além de doença cardíaca, acidente vascular cerebral e diabetes mellitus tipo II” (ARAÚJO et al, 2012, p. 17).

A obesidade é um grave problema de saúde pública, não só pela despesa que atualmente gera, mas também porque crianças obesas serão pacientes que vão se tornar crônicos com repercussões na idade adulta, o que aumentará os gastos com remédios e tratamentos e agravará sua saúde (LUGÃO; FERREIRA; AGUIAR, 2015).

Dentre as consequências que a criança pode ter, em virtude da obesidade, estão doenças cardíacas, resistência à insulina, distúrbios musculoesqueléticos ou algum tipo de câncer (CORGOZINHO; RIBEIRO, 2013). Além disto, 30% dos adultos com problemas de peso foram crianças obesas, então a prevenção é uma prioridade (SANTOS et al, 2014).

Maus hábitos alimentares, conforme apontam estudos do Ministério da Saúde, confirmam que 19,3% das crianças e jovens só tomam um copo de leite no café da manhã; 56% tomam um copo de leite com algum carboidrato como biscoitos ou pão; 6,2% das crianças não tomam café da manhã geralmente e apenas 7,5% tomam um café da manhã equilibrado composto de leite, frutas ou suco e carboidratos (RECH; HALPER; MATTOS, 2017). O café da manhã é uma parte importante da dieta e a prevalência de obesidade é maior naqueles que tomam café da manhã escasso ou omitem essa refeição (LUGÃO; FERREIRA; AGUIAR, 2015).

Assim, a justificativa para o estudo desse tema se reforça pelo fato de que a prevalência está aumentando e é um problema de saúde pública devido às suas despesas e possíveis complicações futuras.

As consequências podem aparecer tanto na infância em problemas de fatores ortopédicos, psicológicos (baixa autoestima), aumento da resistência à insulina, início do diabetes, bem como pode gerar complicações a longo prazo na idade adulta, como hipertensão, que pode surgir já na infância e ir piorando. A obesidade que começa na infância e dura até a idade adulta, é considerada pior que aquela que começou na idade adulta (CORGOZINHO; RIBEIRO, 2013).

Portanto, este trabalho é útil para a sociedade, pois salienta a importância da prevenção primária da obesidade, podendo, por meio dela, reduzir seu custo para evitar perdas futuras ao sistema de saúde. É importante também para a rede escolar, pois destaca que, através da educação para a população infantil, poderia ser reduzida sua prevalência, o que implicaria um menor custo comparado ao que se poderia economizar se fosse desacelerado o aumento de sua prevalência. A educação para a prevenção pode ser feita em centros de saúde ou escolas, orientada por uma equipe de enfermeiros.

METODOLOGIA

Este trabalho se tratou de pesquisa bibliográfica, descritiva, com abordagem qualitativa. Foram consultadas as bases de dados da Bireme, Scielo, Pubmed por meio dos operadores booleanos *and* e *or* a partir dos descritores: obesidade, obesidade infantil, prevenção, cuidados, enfermeiros. Foram eleitos artigos publicados a partir de 2009.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Esteves (2014, p. 16), em sua pesquisa para o mestrado, elaborou como objetivo “analisar e descrever o desenvolvimento de um trabalho de educação em saúde com crianças do ambulatório de obesidade infantil por meio de um plano de atividades lúdicas como recurso pedagógico”.

A pesquisa foi realizada com 20 crianças, em tratamento de sobrepeso e obesidade, estudantes matriculadas regularmente, e atendidas no Centro de Especialidades Médicas- CEM da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, MG, onde se realizou o estudo de Esteves (2014).

Esteves (2014) aponta que no diálogo com as crianças sobre alimentação, o perfil apresentado foi de preferência pelo consumo de alimentos com alto teor energético e, na entrevista com os pais, a preferência era a mesma, porém os pais se mostraram descontentes com este hábito alimentar, dizendo-se cientes dos prejuízos que causavam aos filhos.

A partir deste cenário, Esteves (2014) aplicou seu projeto de intervenção com contação de histórias e atividades lúdicas, como fazer um desenho com as personagens. Segundo Esteves (2014) houve grande sucesso e aceitação da proposta para a promoção da saúde. Após ouvirem a história, as crianças eram convidadas a recontá-la e a criar novos finais, o que facilitava a intervenção mediante a expressão das expectativas e medos das crianças no papel e observou-se a prevalência de situações em que as crianças se inseriam no contexto da história ou assumindo o papel de um dos personagens ou criando outro personagem

para elas. As crianças identificavam-se com o personagem do coelho obeso e se diziam dispostas a fazer como ele: cuidar da alimentação e fazer exercícios.

Esteves (2014, p. 42) comenta que o papel do enfermeiro, na condição de educador e atuante na promoção da saúde precisa dispôr de “elementos criativos capazes de motivar seu público a ouvir, falar, discutir e pensar em educação em saúde”. Esteves (2014) ainda comenta que a atuação do enfermeiro vai além da execução de técnicas, devendo estar sintonizado com os propósitos da assistência integral. Desta forma, segundo Esteves (2014), o enfermeiro deve estar atento para tudo o que envolve a criança obesa, promovendo sua reflexão, mas sem penalizar a criança por sua obesidade ou sobrepeso. O enfermeiro deve utilizar da escuta da criança, prestar atenção em suas argumentações, respeitar seus hábitos, ganhando a confiança da criança por entender seus sonhos, desejos e objetivos. O enfermeiro também não pode esquecer de envolver os pais, pois eles são os responsáveis pela alimentação da criança e os principais responsáveis pela motivação ou desmotivação de uma vida mais saudável.

O enfermeiro tem um papel muito importante na prevenção e tratamento da obesidade infantil, pois ele é quem vai acompanhar de perto todo o processo. A proposta de Esteves (2014) é muito interessante por ensinar, de forma lúdica e sem que a criança perceba que está aprendendo, hábitos saudáveis para lidar com a obesidade.

A pesquisa de Lugão et al (2010) teve por objetivo identificar os principais fatores que contribuem para obesidade infantil e discutir a importância do papel do enfermeiro na prevenção da obesidade infantil. Segundo Lugão et al (2010), é papel do enfermeiro orientar e acompanhar os pais na sua responsabilidade com os hábitos alimentares dos filhos, iniciando-se esse cuidado no pré-natal e continuando nos programas de atendimento que acontecem nos espaços da saúde, nas creches, escolas etc.

Lugão et al (2010) concordam com Esteves (2014) ao colocar que o papel do enfermeiro também é o de educador, sem se prender unicamente às ações técnicas e ao poder biomédico. Lugão et al (2010) fizeram um estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa e pesquisa do tipo bibliográfica, abrangendo

o período de 2001 a 2009, com os descritores criança, educação em enfermagem e sobrepeso. Em seus resultados, apontam que a obesidade pode estar presente em qualquer fase da vida e que se trata de uma epidemia silenciosa; descrevem uma relação entre a obesidade e o desmame precoce, sendo mais prevalente em meninas; notaram que os fatores genéticos também influenciam a obesidade infantil assim como o consumo de alimentos gordurosos e o sedentarismo; citam que os profissionais da saúde devem interagir com a comunidade, propondo que seja servida comida mais saudável nas escolas.

Lugão et al (2010) argumentam que o enfermeiro tem papel fundamental na prevenção da obesidade infantil, ao ensinar formas de prevenção, orientando as mães desde o pré-natal, ressaltando a importância do aleitamento, promovendo educação em saúde para toda a sociedade.

É interessante notar que a pesquisa de Lugão et al (2010) se aproxima dos estudos de Esteves (2014) ao salientar a importância da participação do enfermeiro como educador no que se refere à prevenção da obesidade infantil. Ambos os trabalhos tocam na questão do envolvimento da família e na conscientização de que os pais e os adultos servem como modelo para os hábitos alimentares da criança.

O estudo de Rodrigues et al (2013) se deu por notarem a alta prevalência de crianças obesas na cidade de Fortaleza e por observarem que não havia profissionais habilitados para lidar com a situação. As autoras realizaram um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, entrevistando 47 enfermeiros que acompanhassem crianças de 0 a 12 anos com obesidade ou sobrepeso, sediados na Secretaria Regional I, em Fortaleza, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), entre julho a dezembro de 2013.

O resultado apontou que a consulta de puericultura, orientações alimentares e de atividade física para as crianças maiores fazem parte das ações regulares de enfermagem no atendimento às famílias. Em relação à educação alimentar, Rodrigues et al (2013) notaram que os enfermeiros investigam sobre a alimentação das crianças e estimulam os pais a continuar, se os hábitos são saudáveis, ou a mudar, caso não sejam. Uma prática notada foi a formulação do cardápio realizada pelo enfermeiro junto com as mães, incluindo os horários da alimentação.

É importante as famílias notarem que o enfermeiro realmente se preocupa com a saúde de todos, tanto da criança como dos outros membros da família, que ele se importa a ponto de montar o cardápio junto com os pais. Isso pode motivar que todos desenvolvam e mantenham hábitos mais saudáveis, favorecendo a saúde integral da criança e prevenindo a obesidade.

Outro destaque na pesquisa de Rodrigues et al (2013) se refere à cultura das famílias que entendem que o bebê gordinho é um bebê saudável e nem sempre isso é verdade. Segundo as autoras, é papel do enfermeiro esclarecer os pais que o bebê gordinho pode se tornar uma criança gordinha e um adolescente e futuro adulto obeso.

Talvez uma das questões mais difíceis para o enfermeiro lidar, em relação à prevenção da obesidade, seja a modificação da maneira de pensar dos pais, ou seja, a cultura enraizada de que muita comida na mesa é sinal de fartura e de saúde, pois ocorre de os pais terem passado dificuldades na infância e não quererem que isto aconteça com os filhos e, desta forma, oferecerem alimento em quantidade exagerada, provocando a obesidade. Neste caso, como em todos os outros, a ação do enfermeiro é muito importante, porque é ele que acompanha mais de perto a dinâmica da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obesidade infantil é um problema tanto pelas repercussões que podem ter na vida adulta quanto pela conseqüente diminuição da expectativa e da qualidade de vida e, por outro lado, pelo aumento das despesas de saúde pública que podem ser geradas.

Estas são as razões pelas quais é importante o enfermeiro promover ações de orientação para as crianças e seus pais sobre bons hábitos alimentares, começando pelo café da manhã, pois, como se notou na pesquisa, nem todos têm consciência da importância desta primeira refeição do dia; conscientizar sobre a necessidade da atividade física na rotina diária, dado o alto índice de vida sedentária, com os objetivos de esclarecer e educar a população em matéria de saúde.

O problema da obesidade infantil é uma questão atual e é importante, para evitar suas possíveis complicações, atuar através de uma intervenção de enfermagem para promover a redução da prevalência. A prevenção e monitoramento contínuo da criança e da família são fundamentais para evitar o aparecimento de hipertensão ou outras complicações, tanto vasculares como locomotoras, respiratória ou comportamental, em fases posteriores da vida.

A detecção precoce da obesidade é um elemento importante para a prevenção da morbimortalidade na população adulta. O tratamento é difícil, por isso é crucial desenvolver uma estratégia multidisciplinar, atuando sobre o paciente e seu ambiente, principalmente a família, a fim de alcançá-lo com sucesso. Por tudo isso, e para evitar o transbordamento do sistema de saúde, é fundamental a atuação do enfermeiro na prevenção primária.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. N. M. et al. Obesidade infantil: conhecimentos e práticas de enfermeiros da Atenção Básica. **Enfermagem em Foco**, v. 3, n. 3, p. 15-25, 2012.
- BOOG, M. C. F. Dificuldades encontradas por médicos e enfermeiros na abordagem de problemas alimentares. **Revista Nutrição**, v. 18, n. 3, p. 261-72, 2014.
- CORGOZINHO, J. N. C.; RIBEIRO, G. de C. Registros de Enfermagem e o enfoque na prevenção da obesidade infantil. **Revista Enfermagem**, v. 3, n. 3, 2013.
- CORSO, A. C. T.; BOTELHO, L. J.; ZENI, L. A. Z. R. Sobrepeso em crianças menores de 6 anos de idade em Florianópolis, SC. **Revista da Nutrição**, v. 16, n. 1 p. 21-8, 2013.
- ESTEVES, J. M. de M. **Fazendo arte no ambulatório de obesidade infantil: a contação de histórias como recurso pedagógico na enfermagem**. Dissertação (Mestrado em Educação em Diabetes), Instituto de Ensino e Pesquisa – IEP, Belo Horizonte-MG, 2014.
- LIMA, G. G. T. et al. Registros do enfermeiro no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento: enfoque na consulta de puericultura. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 117-24, 2011.
- LUGÃO, M.A. da S. et al. A importância da atuação do enfermeiro na prevenção da obesidade infantil. **Revista Pesquisa Cuidado Fundamental**, v. 2, n. 3, p. 976-988, jul.set.2010.

LUGÃO, M. A. da S.; FERREIRA, T. V. da S.; AGUIAR, O. V. de. A importância da enfermagem na prevenção da obesidade infantil. **Revista Pesquisa Cuidado Fundamental**, v. 5, p. 976-988, 2015.

MARCHI-ALVES, L.M.; YAGUI, C. M.; RODRIGUES, C. S. et al. Obesidade infantil ontem e hoje: importância da avaliação antropométrica pelo enfermeiro. **Escola Anna Nery**, v.15, n. 2, p. 238-44, 2012.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL (NUB). **OMS lança novas diretrizes de combate à obesidade infantil no mundo**. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-lanca-novas-diretrizes-de-combate-a-obesidade-infantil-no-mundo/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

OBESIDADE mata mais do que acidente de carro, terrorismo e Alzheimer. **ÉpocaNegócios**, 20 jun. 2017. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2017/06/obesidade-mata-mais-do-que-acidente-de-carro-terrorismo-e-alzheimer.html>>. Acesso em 10 maio 2019.

RECH, R. R.; HALPERN, R.; MATTOS, A. P. Obesidade Infantil: complicações e fatores associados. **Revista Brasileira Ciência Movimento**, v. 15, n. 4, p. 111-20, 2017.

RODRIGUES, E. B. et al. O enfermeiro na prevenção da obesidade infantil. **Cursos Aprendiz**. 2013. Disponível em: <https://www.cursosaprendiz.com.br/enfermeiro-obesidade-infantil/>. Acesso em 10 set. 2019.

SANTOS, F. D. da R. dos et al. Ações de enfermeiros e professores na prevenção e no combate à obesidade infantil. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 3, 2014.

Recebido em 01/11/2019

Versão corrigida recebida em 04/05/2021

Aceito em 10/05/2021

Publicado online em 15/06/2021